

Uma reflexão sobre a forma contemporânea da produção, do consumo e da geração dos resíduos¹

Una reflexión sobre la forma contemporánea de la producción, el consumo y la generación de residuos

A reflection on contemporary forms of production, consumption and waste generation

Elias Antonio Vieira²

Resumo

Este artigo constitui um tópico adaptado da dissertação de Mestrado defendida pelo autor em 2002. A hipótese norteadora da monografia é que o conhecimento das características e do contexto da Modernidade pode contribuir com a prevenção ou redução do potencial dos impactos ambientais negativos dos resíduos. Os pontos-chaves da revisão bibliográfica que nortearam o trabalho abrangeram a definição do conceito e do período histórico citado, sua evolução e relação com a problemática dos resíduos. Quanto aos resultados da pesquisa verificou-se que os autores consultados levaram em conta as diversas formas e graus com que Modo de Produção e Consumo Capitalista - MPCC não somente articula e organiza o espaço geográfico, mas também o ritmo veloz que imprime à produção e ao consumo de objetos e, por conseguinte, à geração continuada e crescente de resíduos.

Palavras-chaves: Modernidad, objetos de consumo, resíduos, impacto ambiental.

1 O autor do artigo agradece a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP pela concessão de bolsa de pós-doutorado, a qual constituiu num dos fatores de contribuição para que o presente trabalho fosse realizado.

2 Pós-doutorando, bolsista da FAPESP e pesquisador do LabDES – Laboratório de Estudos sobre Desenvolvimento e Sustentabilidade, Universidade Estadual Paulista. Franca, São Paulo - Brasil. evieira371@gmail.com

Resumen

Este artículo es una adaptación y un tema de tesis de maestría defendida por el autor en 2002. La hipótesis que guía este estudio es que el conocimiento de las características y el contexto de la Modernidad pueden contribuir a la prevención o reducción de los posibles impactos ambientales negativos de los desechos. Los puntos claves de la revisión de la literatura que han guiado el trabajo abarcan la definición y la historia del período mencionado, su evolución y su relación con los desechos. Los resultados del estudio mostraron que los autores consultados tuvieron en cuenta las diversas formas y grados con el cual el Modo de Producción y Consumo Capitalista MPCC no solamente articula y organiza el espacio geográfico, sino también el ritmo rápido que propicia la producción y el consumo de objetos, y, por lo tanto, la generación continua y creciente de desechos.

Palabras clave: Modernidad, objetos de consumo, residuos, impacto ambiental.

Abstract

This paper is adapted from a Master dissertation topic defended by the author in 2002. The central hypothesis of this monograph is that knowledge of the characteristics and context of this period can contribute to the prevention or reduction of potential negative environmental impacts of waste. The key points of the literature review that guided the work covered the definition and history of the mentioned period, its evolution and its relation to waste. The survey results showed that the authors had taken into account the various forms and degrees with which the Mode of Capitalist Production and Consumption - MCPC not only articulates and organizes geographic space, but also the rapid pace that characterizes the production and consumption of objects and therefore the continuous and increasing generation of waste.

Key words: Modernity, consumption objects, waste, environmental impact.

1. Introdução

O que fazer com o desperdício de bens de consumo, sobretudo alimentos, e as montanhas de resíduo e rejeito gerado nas cidades? Quintais, terrenos vazios, logradouros públicos, beira de estrada, lixões e ou aterros sanitários têm sido os locais utilizados, nem sempre de modo correto, para destinação de resíduos e rejeitos gerados pela sociedade. Talvez esse fato explique o aumento do interesse de instituições governamentais ou não, inclusive o setor acadêmico, e dos órgãos de comunicação, em pesquisar, divulgar e contribuir com soluções para a problemática desses materiais.

O problema da pesquisa está delimitado no fato de o atual período histórico pertencer à Modernidade e transcorrer sob influência direta do Modo de Produção e Consumo Capitalista - MPCC; cujas características estão definidas mais adiante. Esse Modo de Produção, através de sua Sociedade de Consumo, gera resíduos e rejeitos de maneira contínua e crescente. Por outro lado, os estágios das políticas públicas e das estratégias de educação ambiental, da iniciativa privada, não produziram condições para efetivar o equilíbrio entre a geração desses objetos e a capacidade de sua absorção pelo citado Modo de Produção. Essa realidade precisa ser mais bem conhecida para explicar e solucionar a problemática ambiental desses materiais. Portanto, a questão problema da pesquisa pode ser formulada através de perguntas como: quais são as características da Modernidade e do MPCC? Qual é sua relação com o consumo de bens e a geração de resíduos e rejeitos?

Sendo assim o presente estudo, em seu objetivo principal, levantou dados sobre a Modernidade, e sua evolução. Também, buscou caracterizar o MPCC, seus instrumentos de reprodução, assim como sua associação com o consumo de bens, a geração e destinação de resíduos e rejeitos e os impactos ambientais negativos que origina.

Feitas as considerações, tem-se como expectativa que as reflexões desse artigo contribuirão para a sensibilização e a mobilização das pessoas, ante a problemática da produção e do consumo, às vezes, exagerada de objetos, do descarte de resíduo e rejeito e seus impactos ambientais.

Diante disso, esse artigo justifica-se por dois motivos principais. O primeiro fundamenta-se no desafio de conhecer os efeitos ao meio ambiente das relações sociais e espaciais orientadas no MPCC. E o segundo, na necessidade de se produzir e disseminar conhecimento para facilitar o controle social sobre os impactos socioambientais da destinação errada dos resíduos e rejeitos gerados.

2. Método e material

Trata-se de uma pesquisa qualitativa e descritiva reunindo dados procedentes da literatura sobre o tema. O foco principal de abordagem foi a caracterização básica da Modernidade, do MPCC e de suas relações com a intensificação do consumo de bens e da geração de resíduos e rejeitos. As fontes de consulta bibliográfica

utilizadas constituíram, principalmente, de artigos de periódicos, livros, teses e dissertações.

Quanto à definição de conceitos, no trabalho de Neumann (2011), o termo Modo de Produção se refere à maneira pela qual a sociedade produz, utiliza e distribui bens e serviços. De modo simplificado, ele pode ser representado pela seguinte expressão adaptada da autora: Modo de Produção = forças produtivas (homem como produtor, e os meios materiais e intelectuais para produzir) + relações de produção (determinadas pela propriedade ou não dos meios de produção). Para essa autora a humanidade já conviveu com os seguintes Modos de Produção: Primitivo, Escravismo, Asiático, Socialismo e Capitalismo, sendo que a versão industrial e financeira, deste último, predomina nos dias atuais. Devido aos objetivos propostos a abordagem desse artigo será limitada aos aspectos relacionados ao Modo de Produção e Consumo Capitalista, ou MPCC, já citado.

Os conceitos e conteúdo do tema Modernidade e MPCC, apesar de complexos e demasiado amplos, foram desenvolvidos, nesse artigo, de modo simplificado. Essa estratégia visou compatibilizar as limitações editoriais do periódico, para o tipo de artigo que ora se desenvolve e, sobretudo, a necessidade de atrair estudantes em geral e profissionais de nível básico e universitário para o debate.

E, por último, para a finalidade dessa pesquisa, o resíduo é todo material pós-consumo potencialmente reutilizável e

reciclável. Já o termo rejeito é empregado para designar os materiais que não possuem tais características e necessitam ser destinados de maneira ambientalmente correta.

3. Caracterização da Modernidade

Na revisão da literatura constatou-se que, através de um prisma de tempo, a intensificação da problemática dos resíduos e dos rejeitos tem como marco histórico a Modernidade ou Idade Moderna, na sua etapa industrial e tecnológica. Desde então as quantidades, os volumes, a composição e as características dos detritos gerados passaram a serem avaliados como contínuos, diversificados, crescentes e, muitas vezes, causadores de impactos ambientais persistentes.

Para compreender melhor os motivos que levaram a esta situação, apresenta-se informações sobre alguns trabalhos que caracterizam essa época.

Os historiadores Barbosa Filho e Stockler (1993) e Vicentino (1994), referindo-se à divisão da História em relação aos fatos históricos, situam esse espaço de tempo chamado Modernidade em duas fases. A primeira pertence ao lapso temporal, compreendido entre os séculos XV e XVII, na Idade Moderna (1453-1789) e, a segunda, na Idade Contemporânea, compreende o tempo que se inicia no fim do século XVIII (1789) até o presente.

De acordo com as fontes mencionadas, trata-se, de modo simplificado, de um pe-

ríodo que transita do Modo de Produção, constituído no Feudalismo, para outro, estribado no Capitalismo, em cujo regime prepondera o papel do capital sob diversas formas e leis. Neste modelo, passa-se da sociedade rural, através da produção manual, familiar para a sociedade urbana, com a atividade de produção, por meio de máquinas, na fábrica e depois na indústria. Até aqui os impactos sobre o ambiente, segundo Sene e Moreira (1998) eram irrelevantes.

Daí por diante, amplia-se, de forma constante, o ritmo de produção e consumo de mercadorias, e geração de resíduos e rejeitos. O uso da força animal e humana, bem como de instrumentos rudimentares são substituídos pelo funcionamento da máquina. Esta por sua vez, passa da fase de operação mecânica, em 1769, para a da automação, iniciada por volta de década de 1940 e aperfeiçoada para o estágio da robotização após 1970 (Magnoli e Scalzaretto, 1992). Nessa etapa, os aparelhos computadorizados substituíram parte do trabalho intelectual do homem, em especial, aquele voltado às operações de controle, regulação e correção do processo de produção. A intervenção humana, a partir desse período, ocupou-se da invenção, programação inicial e conserto de tais aparelhos. Os custos de produção foram barateados e a produtividade do trabalho tornou-se elevada (Sandroni, 1996).

O conceito de Modernidade também é freqüentemente empregado para situar o período em que vigoram os traços identificadores do que se convencionaram

chamar de Sociedade Moderna. Suas expressões equivalentes são: Sociedade Industrial, Sociedade Tecnológica, Sociedade Urbana, em que predomina a vida nas cidades, ou Sociedade de Consumo (Kupstas *et al.*, 1997).

4. A indústria e a máquina e suas relações com a problemática do consumo de bens e de resíduos e rejeitos

A compreensão dos vocábulos indústria e máquina é importante para a finalidade deste trabalho. Assim, Rocha (1970, p. 116), ao escrever sobre esse fenômeno de nossa época, afirma que devemos entender por indústria “quando a atividade é exercida com escopo de lucro”. E costuma-se classificá-la em “várias formas conforme suas diversas funções econômicas” em: extrativa, rural, manufatureira e comercial ou forma intermediária entre a produção e o consumo. Em relação à máquina, o autor alega que ela “vem dominando assustadoramente o mundo, com os progressos e aplicações da eletricidade, da força expansiva dos gases, das essências, das energias químicas e da força atômica etc.”. E destaca que “o maquinismo fomenta a aglomeração nociva nas cidades, onde se dá o fenômeno do urbanismo, isto é, a fuga do campo”. Segundo essa fonte, a indústria, como técnica na Modernidade, tem como caráter constitutivo, a empresa, cuja finalidade é “[...] com menor gasto, esforço e sacrifício, conseguir a maior quantidade possível de produto e maior consumo”.

Para Oliva e Giansanti (1995), o surgimento da máquina levou à organização de processos de reflexão sobre a tecnologia moderna. Segundo os autores, essa expressão é empregada para dizer que o saber sobre determinado objeto é adquirido pela ciência e esta, doravante torna-se inseparável da técnica na organização e transformação dos sistemas produtivos e dos territórios onde se desenvolvem. Eles também afirmam que a incorporação, nas últimas décadas, das descobertas nos campos da eletrônica e da informática, amplia as áreas de aplicação da ciência e da tecnologia e provoca diversificadas transformações no espaço geográfico.

Entre as transformações espaciais, podemos citar os impactos ambientais que passaram a ocorrer agora em ritmo crescente e provocando desequilíbrios em diversas escalas. E, como lembram Sene e Moreira (1998, p. 375), “a agressão causada pelo homem é contínua, não dando chance nem tempo para a regeneração do meio ambiente”. Entre as agressões ambientais podem ser citadas aquelas causadas pela destinação de resíduos e rejeitos sólidos líquidos e gasosos, no ar, na água e atmosfera, sem tratamento prévio.

O equacionamento dos problemas de poluição típicos das cidades como esgoto, gases, fuligem e, em especial, resíduo e rejeitos sólidos, de forma mais acentuada, acaba se tornando um desafio a ser enfrentado diária e constantemente. No caso específico dos resíduos e rejeitos sólidos, o desafio é maior. Em ocasiões em que é interrompida sua coleta, por

algum motivo, as ruas e calçadas, muitas vezes, ficam bloqueadas com sacos desses materiais, e o mau cheiro, emanado de sua decomposição, se instala em toda a área de ocorrência do problema (Rolnik, 1995).

5. O MPCC como instrumento de reprodução da Sociedade Moderna

A etapa industrial do MPCC teve como marco fundador a Primeira Revolução Industrial (1785), a partir da qual, tanto a produção, quanto o consumo tornaram-se constantes na vida das pessoas e atingiram a escala mundial. Para os diversos autores consultados, o primeiro passo foi dado com a invenção da máquina a vapor. Em seguida, o método de gerência científica do engenheiro estadunidense Frederick Taylor conseguiu maior rendimento da máquina com a implantação de controle dos movimentos dos trabalhadores e das máquinas utilizadas. Assim, procurou-se “evitar qualquer perda de tempo, de material, de energia; para simplificar a elaboração, unificando os tipos, com o fim de produzi-los em séries [...]; para fazer o capital circular com a máxima celeridade possível” (Oliva e Giansanti, 1995, p. 58).

Depois, conforme já se fez menção, veio à automatização. Trata-se de um processo de controle automático de uma parte da produção por outras máquinas, de sorte que o processo produtivo é completado sem o auxílio do Homem. E, as máquinas passam a executar inumeráveis tarefas

(Rocha, 1970), muitas das quais feitas anteriormente pelo homem.

Mais recentemente, com a eletrônica associada à informática, as máquinas e os equipamentos, desta geração, tornam-se ainda mais produtivos: podem ser reprogramados, para executar outras funções e operam com diversos materiais.

O MPCC torna-se internacional, ainda no século XIX, pois suas condições viabilizaram a instalação de empreendimentos econômicos em outros países. Esta etapa passa a ser identificada, a partir de 1945, pelos termos mundialização e globalização: os produtos são fabricados, ao mesmo tempo, em vários países. Sua difusão mundial é feita com base em técnicas de convencimento, apoiadas em telefones, *fax*, rede mundial de computadores (*internet*), jornais, revistas, televisão, cinema, painéis publicitários. Esses instrumentos e serviços divulgam bens, atuam na mudança de hábitos e costumes tradicionais, bem como implantam gostos alimentares, como, por exemplo, o hambúrguer e refrigerante. A propaganda, por meio de técnicas psicológicas, atua no quadro emocional dos indivíduos e veicula comerciais, associando metas pessoais e situações afetivas com produtos. Além disso, o MPCC vale-se de outros expedientes como: a) *merchandising* - consiste na exposição de mercadorias em novelas, filmes, transmissões esportivas e espetáculos em geral; b) cultura de massas - embora a cultura seja uma manifestação complexa dos povos, tornou-se mercadoria. E para ser mercadoria foi simplificada, padro-

nizada e tornou-se cultura de massas, veiculada pelos órgãos de comunicação, como: rádio, televisão, jornais, revistas, indústria de discos e cinema. Essa forma de cultura é descartável e passageira, sujeita à moda e também veículo de propaganda de outros bens de consumo. Alguns artistas célebres, por exemplo, têm seus nomes transformados em grifes de roupas, calçados, cosméticos, brinquedos e muitos outros produtos; c) crédito financeiro é também um grande aliado do consumo, ao permitir que pessoas de baixo poder aquisitivo consigam bens de alto valor unitário, por conta de renda futura. Sua maior expressão é o cartão de crédito, apoiado nas tecnologias dos meios eletrônicos e na engenharia financeira que viabiliza o discurso de planos de pagamentos “sem juros” em até dez ou mais vezes. No MPCC, o mercado é o organizador do setor econômico e da vida em geral. As empresas diversificam a produção, alteram e renovam modelos, instituem serviços e constroem ambientes comerciais atrativos, tão somente para atender aos consumidores. As mercadorias possuem uma atração mais influente do que a sua necessidade material (Oliva e Giansanti, 1995).

Frente a esse poderoso, complexo e amplo sistema econômico, infere-se que para as pessoas, de modo geral, não resta outra opção, senão consumir e consumir, gerar e gerar resíduo e rejeito. E haja recursos financeiros e competência técnica para operacionalizar eficientemente os serviços de coleta, transporte e destinação dos detritos, cuja quantidade e volume são cada vez maiores.

Nesse caso, tem-se observado que as lojas de departamento, os segmentos do comércio atacadista, com seus centros de distribuição, e o varejista, com seus pontos de venda tradicionais, compõem uma extensa e complexa infra-estrutura comercial. Essa rede de negócios exerce decisiva influência na venda de mercadorias em grandes quantidades. A esse tipo de comércio, seguiram os mini, super e hipermercados, as lojas eletrônicas, as de conveniência e os *shoppings centers*, com suas inúmeras estratégias mercadológicas de atração do consumidor.

Essas constatações apontam para o pressuposto de que a sobrevivência da Sociedade de Consumo implica a criação das necessidades de uso contínuo de produtos, pois a população nem sempre está habituada a usá-los ou, muitas vezes, sequer necessita deles. Daí é preciso criar nas pessoas a obrigação de consumi-los. Para cumprir esse propósito, entram em cena os veículos de propaganda, já citados, que formam a opinião pública, direcionam as preferências, decidindo o que os consumidores vão possuir e usar.

Verifica-se, portanto, que as táticas utilizadas pelo MPCC colaboram para a criação de necessidades, continuamente, de produtos com modelos diversificados, advindos de processos de fabricação diferenciados. Um dia, esses produtos, igualmente, transformam-se em resíduo e rejeito, mais cedo do que se esperava.

Assim, é possível deduzir que o produto não satisfaz uma necessidade preexistente, como a televisão, o jornal e outros

meios de propaganda geralmente fazem crer. Mas é a produção que depende do estímulo ao consumo, de modo que os diversificados bens de consumo, constantemente produzidos, possam ser adquiridos pela população em geral.

Constata-se, portanto, que numa Sociedade de Consumo, por mais que haja consumo, sempre haverá um novo produto, melhor do que acabamos de consumir. Nesse caso somos obrigados a conseguir mais dinheiro, para satisfazer nossas novas necessidades. Parece ser essa a engrenagem principal que faz as relações de produção e consumo girar como se fosse o principal fundamento da vida.

Em relação aos aspectos ora analisados, Santos (1997) afirma que os objetos do consumo estão por toda parte, seja nas atividades domésticas, seja nas profissionais, tanto pela posse concreta, quanto pela mera vontade ou expectativa de possuir.

Na avaliação de Mendonça (1998), o consumismo, ou seja, o consumo pelo consumo é o fator determinante das diferenças sociais, gerando, entre outras coisas, miséria. Por sua vez, Branco (1988, p. 37) alega que “cada vez mais o homem envereda pelo caminho do desperdício (...), com a introdução de objetos descartáveis, que constituem moda hoje em dia”. Na verdade observa-se que tanto em residências, como em diversos momentos da vida, a moda dos descartáveis está presente. O que, demonstra que seus usuários praticam o desperdício, talvez até por não terem

consciência das questões ambientais que esse ato provoca. É provável que eles nem saibam que a cada copo descartável ou guardanapo de papel, utilizados uma só vez, e jogados fora, despenderam-se trabalho humano e energia obtida da natureza. Como também a cada gesto desses, mais um produto transforma-se em resíduo e rejeito, desencadeando uma série de providências que envolvem novas despesas, desde o seu acondicionamento, sua apresentação para coleta, transporte até a destinação final.

Ao analisar o consumo como modo de relação “não só com objetos, mas ainda com a coletividade (...)” e também como “a nova moral do mundo contemporâneo”, constata-se um fenômeno “que serve de base a todo o nosso sistema cultural”, segundo Baudrillard (1995, p.38). Esse autor afirmou que “as grandes corporações (...) suscitam desejos irreprimíveis, criando novas hierarquias sociais que substituíram as antigas diferenças de classes”. Para o autor, ao contrário das civilizações anteriores em que “os objetos, instrumentos ou monumentos perenes sobreviviam às gerações humanas”, atualmente, vivemos o tempo dos objetos. Ou seja: “somos nós que vemos nascer, produzir-se e morrer” a “fauna e a flora que o homem produziu” e que “constituem o produto de uma atividade humana, sendo dominadas, não por leis ecológicas naturais, mas pela lei do valor de troca”.

A quantidade e a variedade de resíduos e rejeitos que seguem para lixões, aterros e outros meios de destinação são indica-

dores do volume e da profusão dos bens oferecidos ao consumo pelos setores de produção e comercialização.

Tem-se observado no dia a dia que os mecanismos que regem esse modelo de sociedade, realmente induzem um número considerável de pessoas a satisfazer desejos, pela compra de objetos, em geral pouco duráveis, cuja utilidade pode ser no mínimo questionada.

Também nota-se por observações empíricas do cotidiano que, nas relações entre quem vende, e quem compra, o Estado tem a incumbência de compatibilizar o desenvolvimento tecnológico e econômico com a proteção dos interesses do consumidor. Desse modo, parece clara a intenção de os governantes agirem em favor da manutenção da lógica do MPCC: produção e consumo de bens, seguida da geração e destinação de resíduo e rejeito. É ilustrativa desse intento a decisão do governo brasileiro de aprovar, em meados de 2011, um decreto isentando a produção de automóveis de Imposto de Produtos Industrializados tendo em vista a queda de vendas das montadoras instaladas no país. Ao tomar essa atitude não foram levados em conta os problemas causados pela quantidade de automóveis particulares que congestionam as ruas e avenidas das cidades, de grande e médio porte, e a ausência ou inadequação da política de transportes coletivos.

É importante esclarecer que o MPCC também está presente na China, cujo Modo de Produção é considerado Socialista. Empresas de outros países fizeram

parceria com o governo e iniciativa privada, chineses, para produzir mercadorias destinadas a abastecer o mercado local, e outras partes do mundo, atraídas pelo baixo custo de mão-de-obra. Ultimamente a instalação de empresas, de capital estrangeiro, tem sido aumentada neste país devido às altas tarifas de importação de produtos fabricados noutros países (Góes e Landim, 2011). Nesse caso infere-se que a lógica e a dinâmica de produção, consumo e geração de resíduos do MPCC também se reproduz no território chinês.

6. Considerações finais

Os dados reunidos no presente artigo validam a idéia de que a Modernidade e seu mecanismo de reprodução, o MPCC, articulam e organizam o espaço geográfico, sob enfoque predominante dos interesses econômicos sobre os sociais e ambientais.

Também ficou demonstrado o contraste entre o ritmo que esse modelo de sociedade imprime à produção e ao consumo e, por conseguinte, à geração de resíduo e rejeito e a falta de prioridade à redução, reutilização e reciclagem desses materiais.

Diante dessas constatações pode-se dizer que este trabalho atingiu seu objetivo principalmente por três motivos:

- Primeiro por que contribui com o avanço do conhecimento sobre as características básicas da Modernidade.
- Segundo por que a abordagem dessa temática socioespacial é relevante para a Geografia que tem a Organização do Espaço como uma das áreas de interesse.
- Terceiro, e último, por que o critério de abordagem integrada e crítica, associada à identificação de causa e efeito das problemáticas da produção, do consumo, dos resíduos e da reprodução da vida social, utilizado neste trabalho, tem caráter inovador nesse campo de pesquisa.

Além disso, o estudo ora concluído serve de alerta ao meio acadêmico, à sociedade e suas autoridades e lideranças, para a necessidade de ampliar a reflexão sobre a busca de alternativas focadas no equilíbrio entre o consumo de bens, a geração e destinação de resíduos e rejeitos, e os interesses sociais e ambientais.

Literatura citada

- Barbosa Filho, M. B., & Stockler, M. L. S. (1993). *História Moderna e Contemporânea*. São Paulo: Scipione.
- Baudrillard, J. (1995). *A sociedade de consumo*. Rio de Janeiro: Elfos.
- Branco, S. M. (1988). *O meio ambiente em debate*. São Paulo: Moderna.
- Kupstas, M. et al. (1997). *Ecologia em debate*. São Paulo: Moderna.
- Magnoli, D. & Scalzaretto, R. (1992). *A nova geografia*. São Paulo: Moderna.
- Mendonça, F. de A. (1998). *Geografia e meio ambiente*. São Paulo: Contexto.
- Neumann, K. R. (2011). Modo de Produção. Disponível em: <<http://www.coladaweb.com>>. Acesso em: 24 set. 2011.
- Oliva, J. & Giansanti, R. (1995). *Espaço e modernidade: temas da geografia mundial*. São Paulo: Atual, 1995.
- Rocha, E. A. (1970). *Princípios de Economia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Rolnik, R. (1995). *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense.
- Sandroni, P. (1996). *Dicionário de economia e administração*. São Paulo: Nova Cultural.
- Santos, M. (1997). *A Natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: HUCITEC.
- Sene, E. & Moreira, J. C. (1998). *Geografia Geral e do Brasil: espaço geográfico e globalização*. São Paulo: Scipione.
- Góes, F. & Landim, R. (2011). *Empresas se instalam na China e exportam menos*. Disponível em < <http://www.sindlab.org> > . Acesso em: 24 set.
- Vicentino, C. (1994). *História moderna e contemporânea*. São Paulo: Scipione.

Recepción: 29 de julio de 2011
Evaluación: 16 de agosto de 2011
Aprobación: 02 de septiembre de 2011

